

AUTORA DE ESTRANHA PERFEIÇÃO

ABBI GLINES

A romantic close-up photograph of a man and a woman. The woman is on the left, leaning towards the man on the right. They are both looking at each other, and the woman's lips are just inches from the man's. The man has a slight stubble and is wearing a white shirt. The woman is wearing a white top. The background is softly blurred, suggesting an indoor setting with light coming from a window.

Simple
PERFEIÇÃO

Você abriria mão da sua felicidade
pelo amor da sua vida?



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para o meu marido, Keith.
Obrigada por ser o meu porto seguro.*

WOODS

Minha mãe não trocou uma palavra comigo durante o funeral. Eu estava lá para confortá-la, mas ela me deu as costas e se afastou de mim. Havia muitas coisas que eu esperava na vida, mas essa não era uma delas. Nunca. Nada do que fiz afetara a vida da minha mãe. No entanto, ela ajudou o meu pai quando ele tentou destruir a minha.

Vê-lo deitado no caixão não me abalou da forma como eu imaginara. Ele magoou Della e eu jamais o perdoaria por isso. Mesmo morto, eu nunca me esqueceria do que ele havia lhe feito. Ela era o centro do meu mundo agora.

Minha mãe notou a falta de emoção nos meus olhos. Eu não sabia fingir. Não mais. Uma semana antes, eu havia me afastado da vida deles sem um pinga de remorso. Foi fácil deixar tudo para trás. Meu foco era outro desde que Della Sloane entrara na minha vida e mudara tudo. Ela havia se tornado o meu vício. Fiquei completamente apaixonado por Della e sua estranha perfeição. Uma vida sem ela não fazia sentido. Muitas vezes me perguntava como as pessoas que não a conheciam conseguiam ser felizes.

Com a morte repentina do meu pai, a vida para a qual eu acabara de lavar as mãos estava sendo depositada completamente sobre os meus ombros. Della ficou ao meu lado desde o instante em que pus os pés de volta em Rosemary Beach. Sem que eu tivesse que dizer uma palavra, ela sabia quanto eu precisava dela. Apenas o toque de sua mão já me dava forças para fazer o que era necessário. Só que, naquele momento, ela não estava comigo. Estava segura na minha casa, longe da minha mãe.

Minha mãe pode ter tentado fingir que eu não existia, mas agora eu era o dono de tudo na sua vida, incluindo a casa e o country club. Meu avô se certificara de que ficassem para mim.

Em nenhum momento meu pai mencionou esse detalhe enquanto estava vivo. Ele mantinha o discurso de que controlava a minha vida. Se eu quisesse viver naquele mundo, teria que me submeter às vontades dele. A verdade era que, de um jeito ou de outro, tudo acabaria sendo meu quando eu completasse 25 anos ou na ocasião da morte do meu pai.

O que viesse primeiro.

Pensei em ser educado e bater à porta da casa dos meus pais, mas mudei de ideia. Minha mãe precisava parar de agir como criança. Eu era a família dela agora e, em breve, Della também seria, assim que eu comprasse a aliança e a pedisse em casamento. Com o meu mundo se transformando completamente, queria a segurança de saber que Della estaria lá quando eu voltasse para casa.

Estava prestes a pegar a maçaneta quando a porta se abriu e vi Angelina Greystone com um sorriso inocente nos lábios. O brilho maldoso no seu olhar, no entanto, não podia ser mascarado. Eu quase havia me casado com aquela mulher para ficar com o country club. Meu pai me persuadiu de que era o único caminho para ter direito à promoção e ao futuro que eu aguardava.

E o plano dele daria certo se não fosse por Della, que entrou na minha vida e me mostrou que eu merecia mais do que um casamento sem amor com uma vaca sem coração.

– Estávamos esperando por você. A sua mãe está na sala de estar bebendo o chá de camomila que preparei. Vocês precisam conversar, Woods. Que bom que levou os sentimentos dela em consideração e não trouxe *aquela garota*.

Embora fingisse que não, a bruxa conhecia o nome de Della. Eu sabia que Angelina estava apenas sendo maldosa. O que eu não sabia era o que ela estava fazendo na casa da minha mãe.

Passei por ela sem responder e entrei na casa. Não precisava de ajuda para encontrar a minha mãe. A sala de estar era o lugar aonde ela sempre ia para ficar sozinha. Sentava-se na *chaise lounge* de veludo branco que fora da minha avó, apreciando a vista através das imensas janelas da sala.

Ignorei o barulho dos saltos de Angelina atrás de mim. Tudo a respeito dela me dava nos nervos. O fato de ela estar ali, no meio de um problema familiar no dia do funeral do meu pai, só piorou a minha irritação. O que achava que iria conseguir? Eu era dono de tudo agora. Eu, não o meu pai. E certamente não a minha mãe. Eu era o Kerrington no controle.

– Mãe – chamei, entrando na sala de estar sem bater.

Não lhe daria a chance de me mandar embora. Por mais que estivesse errada, ela era a minha mãe. Embora sempre tenha ficado do lado do meu pai, e nunca tenha pensado em mim, isso não fazia com que eu a amasse menos.

Ela não se preocupou em virar o rosto e continuou a fitar o golfo.

– Woods, eu já estava esperando por você.

Nenhuma palavra de apoio ou conforto. Isso doeu. Eu também tinha acabado de perder alguém importante, mas ela não via a situação dessa maneira. Jamais veria.

Eu me aproximei para ficar em seu campo de visão.

– Precisamos conversar.

Ela voltou os olhos para mim.

– Sim, precisamos.

Eu poderia deixá-la assumir o controle, mas estava na hora de eu estabelecer alguns limites. Especialmente agora que tinha Della comigo e estávamos de volta a Rosemary.

– Pelo menos ele veio sozinho. – A voz de Angelina veio da porta e eu a fuzilei com os olhos pela intromissão.

– Isso não lhe diz respeito. Pode ir embora – retruquei com frieza.

Ela se encolheu.

– Diz respeito, sim – disse minha mãe. – Ela vai morar comigo. Preciso de alguém para me fazer companhia e Angelina entende isso. Ela é uma boa menina. Teria sido uma excelente nora.

Eu sabia que a dor da minha mãe era bem recente, mas não a deixaria controlar a situação. Estava na hora de eu deixar algumas coisas muito claras.

– Ela teria sido uma nora egoísta e mimada. Eu tive sorte de me dar conta disso antes que fosse tarde demais e estragasse minha vida. – Ouvi as duas suspirarem, mas não pretendia deixá-las falar. – Estou no controle de tudo agora, mãe. Eu vou cuidar de você e garantir que nada lhe falte. No entanto, não vou aceitar nem reconhecer Angelina na minha vida. Mais importante ainda, não vou permitir que nenhuma das duas machuque Della. Ela é a minha perfeição. Tem o meu coração nas mãos. Quando ela sofre, eu sofro. Não há como explicar para você como me sinto. Apenas compreenda que não vou permitir que mais ninguém a magoe. Eu perco um pedaço da alma quando a vejo sofrer.

A expressão da minha mãe era a única resposta de que eu precisava. Ela não estava aceitando aquilo. Não era o dia de tentar convencê-la dos meus sentimentos por Della. Ela estava em luto e eu ainda estava com raiva do homem pela qual ela estava enlutada.

– Se precisar de qualquer coisa, me ligue. Quando estiver pronta para conversar comigo sem ressentimentos, me procure. Você é minha mãe e eu a amo, mas não vou permitir que se aproxime de Della. Entenda que, se me fizer escolher, vou escolhê-la sem pensar duas vezes.

Dei um beijo na testa da minha mãe e passei por Angelina sem dizer uma palavra. Estava na hora de ir para casa. Della me esperava e eu sempre ficava ansioso quando a deixava sozinha.

DELLA

Eu me preocupava com o fato de Woods não ter derramado nem uma lágrima. Ele precisava extravasar suas emoções em vez de contê-las por minha causa. O pai o havia traído ao me mandar embora, mas eu conhecia a expressão de Woods quando olhava para o Sr. Kerrington em busca de aprovação. Ele o amava. Precisava lamentar a sua perda.

– Della?

O olhar de Woods varreu a sala antes de me encontrar de pé na varanda. A determinação no seu rosto não me tranquilizava.

– E aí, como foi? – perguntei, enquanto ele me puxava para os seus braços, um gesto bem frequente durante a última semana.

– Minha mãe está sofrendo. Vamos conversar de novo depois que ela tiver tempo de processar tudo. Eu senti a sua falta, sabia?

Sorri com tristeza e me afastei um pouco para poder olhar para ele.

– Você ficou apenas uma hora fora. Não teve muito tempo para sentir a minha falta.

Woods passou a mão pelos meus cabelos, tirando-os da frente do meu rosto.

– Eu senti a sua falta desde o instante em que saí por aquela porta. Quero você comigo o tempo todo.

Sorrindo, beijei a sua mão.

– Eu não posso estar sempre com você.

– Mas eu quero você comigo. – Ele passou um dos braços pela minha cintura, me apertando contra ele. – Não consigo me concentrar quando não estou perto o bastante para tocá-la.

– Quando você me toca, temos a tendência de nos empolgarmos – lembrei-o com um sorriso.

Woods passou a mão por baixo da minha blusa e eu estremeci quando ele se aproximou do meu peito.

– Quero me empolgar agora mesmo.

Eu também queria isso. Eu sempre queria isso, mas ele estava precisando conversar. Woods precisava dizer alguma coisa.

O celular dele tocou, nos interrompendo. Seu rosto ficou tenso. Relutante, ele tirou a mão de debaixo da minha blusa e atendeu a ligação.

– Alô? – disse ele com o seu tom de voz profissional. Olhou para mim com ar de desculpas. – Sim, estarei lá em cinco minutos. Diga a ele para se encontrar comigo na sala do meu... na minha sala.

Era difícil chamar a sala do pai de “dele”. Era apenas mais um sinal da dor que ele estava ignorando.

– Era o Vince. Os membros da diretoria estão na cidade e querem se reunir comigo em uma hora. Gary, o assessor do meu pai e seu melhor amigo, quer me passar um *briefing* antes. Sinto muito.

– Não tem por quê. Se eu puder fazer alguma coisa para ajudar, basta me dizer.

Woods riu.

– Se eu conseguisse pensar em um jeito de manter você na minha sala o dia todo, eu faria isso.

– Hummm... acho que você não trabalharia muito.

– Eu sei.

– Vá lá. Mostre à diretoria que você está pronto.

Woods deu um beijo na minha testa.

– E o que você pretende fazer? – perguntou ele.

Eu queria trabalhar de novo. Sentia falta de ver todo mundo e de ter alguma coisa para fazer. Ficar deitada na praia todos os dias não fazia muito o meu estilo.

– Posso ter o meu emprego de volta? – perguntei.

Woods franziu a testa.

– Não. Eu não quero você trabalhando no salão do restaurante.

Eu não estava preparada para ouvir isso.

– Tudo bem. Então vou procurar emprego em outro lugar. Eu preciso de alguma coisa para fazer. Especialmente agora, com você tão ocupado.

– E se você precisar de mim, Della? Onde pretende trabalhar? E se eu não conseguir chegar até você? Isso não vai dar certo. Eu não posso protegê-la se você não estiver perto de mim.

Eu só o estava deixando mais estressado. Ele precisava de tempo para se adaptar. Eu daria esse tempo para Woods mesmo que, para isso, tivesse que encontrar outra forma de passar os dias.

– Tudo bem. Vamos esperar umas duas semanas antes de voltar a esse assunto – respondi com um sorriso, esperando tranquilizá-lo.

Ele pareceu aliviado. Era o que eu queria.

– Ligo para você assim que a reunião terminar. Vamos jantar juntos. Não vou deixá-la aqui sozinha por muito tempo, prometo.

Woods me puxou para perto dele e me beijou. Foi um beijo possessivo. Naquele momento, ele precisava que eu estivesse ali. Por ora, era o que eu pretendia fazer.

– Eu amo você – sussurrou ele contra os meus lábios, dando um último beijo.

– Também amo você.



Quando Woods saiu, fui para a varanda olhar o golfo. Eu havia perdido muito da vida e por muito tempo. Agora estava aprendendo que viver também envolvia sacrifícios, principalmente quando amamos alguém.

O toque do meu celular interrompeu a minha divagação. Ao checar quem era, vi que se tratava de um número desconhecido. Só poderia ser uma pessoa: Tripp.

– Oi – atendi, me sentando na espreguiçadeira.

– Como estão as coisas?

– Tudo bem. O Woods está se habituando.

Tripp soltou um suspiro cansado.

– Eu devia ter comparecido ao funeral. Eu só... não consegui.

Eu não sabia o que havia em Rosemary que assombrava Tripp. Desde que foi embora, ele me ligou duas vezes. Em ambas, de um número desconhecido e soando estranho, quase deprimido.

– Jace disse que tentou entrar em contato com você e não conseguiu. Mudou o número do celular?

– Mudei. Eu precisava de um tempo sozinho.

– Ele sente a sua falta.

Tripp não disse nada e não achei que fosse a pessoa mais adequada a forçá-lo a responder.

– Vou ligar para ele. Vou dizer que não há por que se preocupar. Eu não

devia ter ficado tanto tempo em Rosemary. Isso mexe com a minha cabeça. Tem coisas... muitas coisas que eu prefiro não enfrentar.

Disso eu já sabia. Só não fazia ideia do que eram essas coisas.

– Você voltou a trabalhar? – perguntou Tripp.

– Não. Woods não me quer trabalhando por enquanto. Precisa que eu esteja disponível para ele. Sou o único apoio que ele tem. A mãe dele... bem... você sabe como ela é.

Tripp fez uma pausa e eu me perguntei no que estava pensando. Eu realmente não queria que ele dissesse alguma coisa negativa sobre o Woods.

– Bem, ele precisa de você. Eu entendo isso. Mas, Della, você começou a sua viagem para viver a vida. Não se esqueça disso. Você deixou uma prisão. Não se enfie em outra.

As palavras de Tripp foram dolorosas para mim. Woods não tinha nada a ver com a minha mãe. De um dia para o outro, ele perdeu o pai e foi obrigado a assumir uma posição para a qual não estava preparado. Ele não estava tentando me controlar. Eu era o seu apoio.

– É diferente. Eu estou escolhendo ficar ao lado do Woods. Eu o amo e vou estar aqui para tudo o que ele precisar. Assim que essa fase passar, ele não vai se importar de eu voltar a trabalhar.

Tripp não respondeu e ficamos alguns minutos em silêncio. Imaginei se ele discordava de mim ou não sabia ao certo o que dizer.

– Da próxima vez que eu ligar, não vou bloquear o meu número. Quero que você o tenha, caso precise. Só não o passe para o Jace, por favor.

– Certo. Se cuida, Tripp – respondi antes de encerrar a ligação.

Não queria mais ouvir as suas dúvidas e preocupações. Ele estava errado. Ia ficar tudo bem entre mim e Woods.

Ele estava muito errado.

Um mês depois

WOODS

Pensei em ligar para Della. Fazia cinco horas desde que conversamos pela última vez. Minha manhã tinha sido repleta de reuniões e audioconferências. Ela nunca reclamava, mas isso me incomodava. Ela devia reclamar. Afinal, eu estava falhando. Como eu poderia administrar o country club Kerrington e, ao mesmo tempo, cuidar de Della? Qualquer outra mulher estaria na minha sala tendo um chiquete.

Mas Della era diferente.

Uma batida rápida em minha porta me impediu de pegar o celular.

– Pode entrar – falei, enquanto começava a procurar os relatórios que Vince trouxera para eu assinar.

– Como o Vince não estava ali fora, eu bati. – A voz de Angelina não era a que eu esperava ouvir.

– Do que a minha mãe precisa? – perguntei sem olhar para ela.

Era o único motivo para Angelina estar ali. No começo, eu me irritava com a presença dela, mas, para o bem ou para o mal, ela estava ajudando a minha mãe. Mais do que eu queria ou poderia.

– Ela sente a sua falta. Já faz mais de uma semana desde que você a procurou.

Angelina era tão boa em incutir culpa quanto a minha mãe. As duas se pareciam muito.

– Vou ligar para ela mais tarde. Preciso trabalhar. Se for apenas isso, por favor, pode se retirar.

– Você não precisa me tratar com tanta frieza. Eu estou ajudando do único modo que sei. Cada dia que passo com a sua mãe é por sua causa. Eu amo você, Woods, mas não posso competir pelo seu coração porque você não me deixa entrar. E ela? O que *ela* está fazendo por você? Eu não a vejo ajudando...

– Já chega. Nunca se coloque no mesmo nível da Della. Eu não pedi que cuidasse da minha mãe. Eu posso contratar alguém, se precisar. Quanto a

Della, ela é o que me faz sair da cama todas as manhãs, então não subestime a sua importância.

Angelina ficou tensa e abriu a boca para dizer mais alguma coisa. Baixei o olhar furioso para os contratos diante de mim. Considerava a conversa encerrada.

– Pode sair.

O barulho dos saltos dela nas tábuas do piso do escritório foi o som mais bem-vindo que ouvi o dia inteiro.

Quando Angelina fechou a porta, peguei o celular e liguei para Della.

– Alô.

– Eu preciso de você.

– Acabei de almoçar com a Blaire e a Bethy. Já estou indo praí.

– Quando chegar é só entrar.

– Está bem.



Dez minutos depois, minha porta se abriu e Della entrou na sala. Estava com os cabelos escuros presos em um rabo de cavalo. O vestido leve e curto que usava realçava suas curvas mais do que eu gostaria.

– Oi – disse ela com um sorriso tímido.

– Oi – respondi antes de pousar as mãos em seus quadris e pressionar os lábios contra os dela, sempre carnudos e macios. O leve sabor de cereja do gloss que ela estava usando ficou na minha boca.

Era disso que eu precisava. Era o que me fazia enfrentar cada dia.

Della interrompeu o beijo e segurou o meu rosto.

– Você está bem? – perguntou ela baixinho.

– Agora estou.

Della me examinava cuidadosamente. Então, deu um passo para trás e se direcionou para a porta. Antes que eu pudesse perguntar o que estava fazendo, ouvi o barulho da tranca.

– Tire a roupa – pediu ela, começando a baixar as alças do vestido.

Fiquei sem saber o que dizer por um instante, mas obedeci. Não conseguia tirar os olhos de Della. Quando o vestido caiu aos seus pés, me deparei com a mais bela visão: ela apenas de calcinha de renda cor-de-rosa e um sutiã combinando. Minhas mãos começaram a tremer. Eu nunca me cansava de vê-la assim.

– Ainda não fizemos amor aqui – observou ela, sorrindo enquanto abria o sutiã e o deixava cair despreocupadamente no chão.

– Não, ainda não.

Quando ela enganchou os dedos nas laterais da calcinha e começou a tirá-la, cheguei ao meu limite. Peguei-a no colo, com suas pernas enroscadas firmemente na minha cintura. Não dava para classificar como um beijo o que as nossas bocas faziam. Era selvagem demais. Estávamos devorando um ao outro. Foi a melhor descrição em que pude pensar.

Eu queria comê-la em cima da minha mesa, mas não consegui esperar. Precisava entrar nela antes que explodisse.

Então a virei de frente para a parede.

– Prepare-se – sussurrei no seu ouvido.

Della se inclinou e apoiou as mãos na parede. Olhei para o seu corpo arqueado e senti meu coração bater cada vez mais forte. Ela era linda, perfeita. Agarrando-a pelos quadris, a penetrei. Seu grito de prazer foi tão alto que eu tive certeza de que Vince pôde escutar do lado de fora da sala.

– Tão bom, é sempre tão bom – sussurrei no ouvido dela.

Senti o seu corpo se arrepiar, o que me fez sorrir.

– Com mais força – suspirou Della, apertando aquela bundinha linda e redonda contra mim.

Em retribuição ao seu pedido, enfiei com mais força e me inclinei para a frente, acariciando seus seios.

– Você me deixa louco, gata.

Em resposta, Della apenas gemeu, rebolando mais.

– Tão apertadinha... Você é o paraíso. Eu quero ficar aqui para sempre! A boceta de Della engolia e apertava o meu pau. Que porra era aquela? Era como se ela o bombeasse.

– Puta merda – gemi. – Gata, você vai me fazer gozar. Della, pare de fazer isso. Eu vou explodir. Não estou conseguindo me segurar.

Ela empinou o traseiro e as paredes de sua bocetinha sedosa me apertaram ainda mais. Senti como se não me controlasse mais, como se estivesse entrando em erupção. Gritei o nome de Della e o meu corpo estremeceu incontrolavelmente junto ao dela.

– Isso! Ah, meu Deus, isso! – gritou Della e o seu corpo ficou rígido nos meus braços. Abracei-a e a segurei enquanto nos recuperávamos do clímax que ela havia provocado.

– O que você fez? – perguntei, segurando-a perto de mim. Um sorriso agora tomava conta dos seus lábios.

– Um excelente trabalho – respondeu ela.

Eu não estava esperando por essa resposta. Gargalhando, eu a peguei no colo, levando-a até a poltrona mais próxima, e afundei com ela ali nos meus braços.

– Foi incrível – disse antes de dar um beijo no seu pescoço.

– Está se sentindo melhor agora? – perguntou ela.

– Depende – respondi.

– Do quê?

– Se eu disser “não”, você fica comigo o dia todo?

– Você precisa trabalhar – respondeu ela.

– Hummm, mas eu fico mais concentrado quando você está comigo. Concentrado na missão de tirar a sua roupa e fazer você gemer gostoso.

Della atirou a cabeça para trás e deu risada. O som dessa risada fez todo o meu mundo entrar nos eixos.

DELLA

O telefone em cima da mesa de Woods tocou.
– Sr. Kerrington, a Srta. Greystone está aqui para vê-lo – anunciou uma voz pelo intercomunicador.

Woods fechou os olhos e apoiou a cabeça no espaldar da poltrona em que estávamos sentados.

– Merda. O que ela quer agora?

Agora? Ela o procurava com frequência? Lutei contra o ciúme que crescia dentro de mim. É claro que eles se viam bastante. Angelina estava morando com a mãe de Woods e a ajudava a lidar com a perda do marido. Essa atitude, por sinal, demonstrava apoio a Woods. Ao contrário de mim, que não o ajudava nem sabia o que fazer.

Comecei a me levantar, mas suas mãos me seguraram.

– Nós precisamos nos vestir.

– Não me deixe aqui com ela.

Eu me inclinei e beijei a ponta do seu nariz.

– Eu não vou a lugar algum, mas prefiro estar vestida quando ela entrar.

Woods soltou um suspiro e me soltou.

– Vista-se você também. Não me importo com o que ela já tenha visto, mas não quero que veja de novo.

Ficamos sorrindo um para o outro enquanto nos vestíamos. Eu gostava da ideia de ver Angelina entrando na sala e descobrindo o que tínhamos acabado de fazer. Era uma atitude boba da minha parte, mas era como eu me sentia.

– Peça para ela entrar – disse Woods pelo intercomunicador, olhando para mim de trás da mesa enquanto eu arrumava os meus cabelos, bagunçados pelo nosso sexo selvagem. Decidi prendê-los em um rabo de cavalo. A porta se abriu e Angelina marchou sala adentro, como se estivesse em casa.

– Não sei por que você... – A voz dela desapareceu quando pôs os olhos em mim.

Terminei de arrumar o meu rabo de cavalo e pus as mãos na cintura.

– Vocês realmente acabaram de...?

– Por que você voltou? – Woods interrompeu a pergunta.

Angelina parecia ter levado um tapa. Fiquei apreciando aquele momento enquanto ela se esforçava para se recompor. Woods não havia se dado ao trabalho de ajeitar os cabelos que eu havia bagunçado. Segurei um sorriso ao olhar para a aparência adequadamente desmazelada dele.

– Voltei para dizer que a sua mãe quer que você vá jantar na casa dela – disse Angelina, tensa.

– A menos que Della esteja convidada, infelizmente não poderei comparecer.

Angelina soltou um suspiro frustrado e me lançou um olhar irritado.

– É a sua mãe, Woods. Ela acabou de perder o marido e está sofrendo. Você é tudo o que lhe resta na vida. Não entende isso? Não se importa? – perguntou ela.

Ela tinha razão. A mãe de Woods talvez nunca fosse gostar de mim, mas precisava dele mais do que nunca.

– Você precisa ir, Woods – falei antes que ele pudesse responder qualquer coisa.

Angelina olhou para mim e franziu a testa.

– Por favor – pedi mais uma vez, esperando que ele não discutisse comigo na frente dela.

Woods passou a mão pelos cabelos e eu sorri por conta do quanto eles ainda estavam bagunçados. Ele ficava uma graça daquele jeito.

– Tudo bem. Mas apenas por uma hora. E também vai ser a última vez. Da próxima vez que eu for jantar com a minha mãe, Della irá comigo.

A expressão irritada de Angelina se transformou em um sorriso satisfeito. Ela o teria esta noite também, sem que eu estivesse por perto. Eu detestava pensar nisso, mas não podia manter Woods afastado da própria mãe.

– Que bom que você está pensando com algo além do seu pau – comentou Angelina antes de dar meia-volta e sair da sala.

– Ela é uma vaca. Ignore-a – disse Woods, vindo na minha direção.

– Eu sei – respondi.

Mas, no fundo, eu me preocupava que ela pudesse ter um pouco de razão.



Eles estão na porta, Della. Não os deixe entrar! Eles vão nos machucar. Tudo o que querem é nos machucar. Precisamos manter o seu irmão a salvo. Eles já tentaram matá-lo uma vez. Desta vez, vão nos matar. Não os deixe entrar! Shhhh. Pare com esse choro, sua fedelha! Você precisa ficar em silêncio. Completamente em silêncio, para eles irem embora.

Cobri a boca com as mãos para conter os gritos apavorados que eu não conseguia controlar. Detestava quando isso acontecia. A mamãe sempre ficava brava quando batiam à nossa porta. Era um dos momentos em que ela conversava com o meu irmão. Ele não estava lá, mas ela o via. Isso também me assustava.

– Levante-se! Eles foram embora. Vá até a porta e pegue o pacote que deixaram e cuide para que não vejam você.

Eu não queria abrir a porta. Eu não sabia o que estava lá fora e por que queria me pegar, mas eu não queria abrir a porta. A mamãe vinha me obrigando a fazer isso desde o meu aniversário de 6 anos. Sentia muita dor na cabeça quando ela me puxava pelo rabo de cavalo para que eu ficasse de pé. Eu não podia deixar que ela me ouvisse chorar ou tudo ficava ainda pior.

– Vá! – gritou ela naquela voz que fazia o meu corpo inteiro se arrepiar.

Com um empurrão forte, tropecei de dentro do armário para o corredor. Ela continuaria lá até eu voltar com o pacote.

Olhei para a minha mãe e, em vez de olhos loucos e distantes, vi sangue. O sangue jorrava do quarto para o corredor. Não... não era para haver sangue.

Um berro agudo de terror saiu de dentro do quatinho.



O grito ainda ecoava ao redor quando acordei. Era o meu próprio grito. O grito era sempre meu, nunca da minha mãe.

Eu estava sozinha. Olhando ao redor da sala, respirei fundo e devagar. Meu coração batia forte. Levantei as pernas e segurei os joelhos contra o peito. Cair no sono sem o Woods não era algo que eu costumava fazer. Tê-lo por perto enquanto eu dormia quase sempre evitava que eu tivesse terrores noturnos.

Eram nove da noite, de acordo com o relógio em cima da geladeira. Woods já devia ter chegado em casa uma hora atrás. Será que ele ficou até mais tarde com a mãe? Peguei o meu celular em cima da mesa de centro e vi que havia duas chamadas perdidas e uma mensagem de texto. Todas do Woods.

Abri a mensagem de texto.

Por favor, atenda. Estou preocupado com você e a mamãe desmaiou durante o jantar. Acho que ela não tem se alimentado direito.

Liga pra mim!

Ele tinha mandado a mensagem dez minutos antes. Dei um salto do sofá e comecei a digitar o número dele quando a porta da frente se abriu e Woods entrou correndo.

– Graças a Deus – disse ele, esbaforido. – Que merda, gata, você me assustou.

– Sinto muito. Eu acabei de acordar. Cochilei no sofá. Como está a sua mãe?

Woods me puxou contra ele e me envolveu em seus braços.

– Ela estava fraca demais para ficar de pé, então chamei uma ambulância. A Angelina achava que podia ser um derrame e foi na ambulância com a minha mãe para que eu pudesse vir aqui ver como você estava.

– O quê? Woods, vá para o hospital. Não, espere, deixe eu pegar os meus sapatos para ir com você.

– Tem certeza? Se estiver cansada, não quero arrastá-la até o hospital. Podemos ter que passar a noite toda lá.

Coloquei um par de tênis e tentei ajeitar o cabelo da melhor maneira possível.

– Quero estar ao seu lado.

Woods sorriu e estendeu a mão para mim.

– Que bom. Eu não vou conseguir me concentrar se estiver preocupado com você aqui sozinha. Se precisar dormir, posso emprestar o meu colo.

Tentei não pensar no fato de que Angelina o estava ajudando a cuidar da mãe. Ela estava lá agora, sendo útil. E eu, para que servia? Uma menina fraca e carente. Era só mais uma coisa para estressá-lo. Não ajudava em nada.

– Não fique com essa carinha de preocupada. Minha mãe vai ficar bem.

Os paramédicos disseram que ela deve estar com baixo nível de potássio. Eles descartaram a ideia de ser um derrame, mas alegaram que ela precisava ser internada para examinarem a frequência cardíaca.

Assenti enquanto ele enroscava os seus dedos nos meus. Eu ia encontrar uma maneira de ser útil. Ele precisava de alguém em quem se apoiar agora e eu iria ser essa pessoa.

– Você dormiu bem sem mim? – perguntou ele quando saímos.

– Sim. Dormi muito bem – menti, porque dizer a verdade apenas o deixaria mais preocupado.

WOODS

Della finalmente deixou o sono chegar e se aninhou em mim. Em poucos minutos, estava dormindo. Passavam das três da manhã e minha mãe continuava em observação no quarto. Angelina estava com ela. Melhor assim.

Eu não era burro. Sabia que Angelina não ajudava a minha mãe por altruísmo. Ela nunca teve bondade no coração. Estava fazendo isso para me atingir. Minha mãe não precisava de uma enfermeira. Ela precisava apenas de uma amiga e era esse o papel que Angelina desempenhava no momento.

Della parecia não se importar, mas eu me importava. Caso sentisse que ela estava incomodada de alguma forma com a situação, encerraria qualquer ligação com a minha mãe até Angelina sumir. A vaca eventualmente desistirá quando se der conta de que eu não a quero e que nada que faça irá mudar isso. Della era a minha dona. Para sempre.

Della começou a choramingar no sono. Puxei-a para o meu colo, afastei os seus cabelos do rosto e sussurrei no seu ouvido. Isso sempre a acalmava. Ela raramente tinha pesadelos agora. Eu percebia quando eles começavam e os interrompia antes que pudessem dominá-la.

– Estou com você. Estou bem aqui. Você está nos meus braços e nada pode feri-la. Nada, gata. Não vou deixar – garanti enquanto a respiração dela voltava ao normal e o seu corpo retornava a um sono tranquilo.

Sorrindo, dei um beijo na sua testa. Eu gostava de saber que era capaz de combater seu medo. Era, ao mesmo tempo, bom e complicado saber que eu era tudo de que ela precisava.

– Você não fica cansado às vezes? Cuidar todos os dias de uma criança indefesa e carente... – A voz fria de Angelina me irritou. Não olhei para ela. Preferia manter o foco na mulher em meus braços.

– Como está a minha mãe? – perguntei.

– Está dormindo. Ela não vinha se alimentando direito e nada que eu fizesse ou pedisse mudava isso. Não sou enfermeira, Woods. Se você a visitasse com mais frequência, ela comeria mais. Sente a sua falta.

Minha mãe nunca sentiu a minha falta. Era a marionete do meu pai. Ela me queria por perto apenas quando ele desejava, apenas quando achava que eu ia me casar com Angelina.

– Você está trocando a sua mãe por ela e isso é simplesmente decepcionante, Woods.

Levantei os olhos do rosto tranquilo de Della.

– Não. A minha mãe está escolhendo a porra dos desejos dela acima dos meus. Eu não vou viver a minha vida da forma como ela quer que eu viva. Eu vou amar a pessoa que eu quiser amar. Ela nunca vai controlar isso – respondi com frieza.

– Você tem que administrar o country club Kerrington e cuidar da sua mãe, Woods. Precisa de alguém que possa ficar ao seu lado e ajudá-lo. Essa garota é um peso para você! Como pretende ser um homem bem-sucedido aguentando um fardo como ela?

Segurei Della perto do peito.

– O que vocês não estão entendendo é que eu não consigo viver sem Della. Eu não consigo respirar nem me concentrar. Preciso dela. Só dela. Eu posso fazer qualquer coisa se a tiver comigo. Então guarde os seus comentários e o seu desprezo e me deixe em paz, caralho! Eu sei do que eu preciso e nunca será de você. Está me ouvindo? A ficha está caindo desta vez? Nunca. Vou. Precisar. De. Você.

Angelina abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. O tom vermelho do seu rosto dizia tudo. Finalmente consegui me fazer entender. Ela estava furiosa, o que era bom. Estava na hora. Não a vi sair. Baixei o olhar de novo para Della. O simples ato de olhar para ela me acalmava.

Quatro horas depois, o médico apareceu para avisar que a minha mãe estava bem e queria me ver. Enquanto Della esfregava os olhos, ainda acordando, notei os olhares do médico para ela. Não gostava quando homens notavam Della dessa maneira, mas não fazia sentido ficar bravo. Ela era linda e sensual para caralho. Eu só precisava me lembrar que ela era minha.

– Vou comprar café para a gente – disse ela com a voz sonolenta. – Entre e converse com a sua mãe.

Dei um beijo demorado em Della. Além de querer sentir o gosto dos seus lábios, queria que o médico visse exatamente a quem ela pertencia. Ela imediatamente respondeu ao meu beijo enroscando os braços ao redor do meu pescoço.

– Amo você – falei em um sussurro ao encerrar o beijo.

– Também amo você – respondeu Della.

Ela vestia um short de moletom e um dos meus agasalhos, que eu pegara na caminhonete algumas horas antes quando ela sentiu frio na sala de espera.

– A mulher que estava no quarto com a sua mãe é a sua irmã? – perguntou o médico.

Encarei-o por um momento. Ele não era jovem demais para ser médico?

– Não – respondi, passando por ele a caminho do quarto da minha mãe.

Angelina estava folheando uma revista, sentada numa poltrona ao lado da cama. Ela havia passado a noite toda ali. Mesmo depois de tudo que eu tinha dito. Ou ela era louca ou realmente gostava da minha mãe.

– Oi, mãe – disse, fechando a porta atrás de mim.

– Olá – respondeu ela. – A Angelina disse que você ficou a noite toda aqui. Não precisava fazer isso.

Fui até a cama, me abaixei e lhe dei um beijo na testa.

– Precisava sim – respondi.

– Você mandou aquela garota para casa? – Não pude deixar de notar o desgosto em sua voz.

– Ela foi pegar café – respondi. Não ia brigar com ela por causa de Della.

– Você precisa se alimentar melhor, mãe.

Ela suspirou.

– Eu sei, mas simplesmente não tenho mais apetite. Sinto falta dele.

Ele era um idiota. Tentava me controlar e mentia para mim. Ele também havia prejudicado Della e ela sabia disso. Perdoar essas coisas era difícil. O fato de ele ter magoado Della fazia com que fosse quase impossível. Eu não pude dizer nada. Não tinha nada a dizer.

– Preciso ir para o trabalho. Quando você tiver alta, me ligue que eu venho buscá-la. – Era melhor eu sair dali. Ela era minha mãe e eu a amava, mas havia muita coisa entre nós que precisava ser perdoada.

– Eu a levarei para casa. Pode trabalhar sossegado. Você vai estar exausto por não ter dormido a noite toda. – Angelina pareceu muito sincera. Não sabia o quanto poderia confiar nela.

– Está certo. Bem, ligue se precisar de mim – falei para a minha mãe e saí do quarto.

Della estava parada do lado de fora da porta com dois copos de café. A preocupação nos olhos dela foi a coisa mais sincera que eu vira naquela manhã.

– Ela está bem? – perguntou Della ao me passar o café horrível do hospital.

– Está ótima. Vamos embora – respondi.

– Não prefere ficar? É a sua mãe, Woods. Posso muito bem ir para casa sozinha – Della começou a falar, mas eu balancei a cabeça e a interrompi.

– Ela está ótima. Só precisa comer melhor. Quero ir embora com você.

Della soltou um suspiro cansado, então concordou com a cabeça.

– Está bem. Se é o que você quer.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br